



**casadesarmiento**

centro de estudos do património

# Os milésios da tradição irlandesa

Francisco Martins Sarmiento

*O Repórter*, Lisboa, 1888 — n.º 366, de 13 de Novembro

Os Irlandeses prezam-se de descender dos Milésios, um povo do noroeste da Espanha, que em épocas muito remotas, no século XVII, segundo alguns documentos, no século XI a. C., segundo outros, emigraria desta parte da Península Ibérica para a sua ilha.

O predomínio deste velho povo seria tal e tão contínuo, que enquanto as populações que o precederam na Irlanda ficaram completamente na sombra (para salvar a contradição das notícias que ora as dão como extintas pelos emigrantes, ora afirmam a sua sobrevivência), a história dos Milésios tornou-se a própria história dos Irlandeses actuais. E ainda a língua, o génio, enfim a alma do povo milésio que eles se vangloriam de conservar, bem como a massa enorme das suas glórias históricas.

Há algum fundo de verdade nesta tradição? O problema é importante, sobretudo para nós, que atiramos ao vento todas as páginas do nosso passado, caso pudéssemos encontrar outras muito parecidas nesse vasto repositório de verdades e de fábulas, que compõem a antiga literatura da Irlanda. É de ver que não vamos nestas ligeiras notas tratar uma questão desta ordem. O nosso fim é chamar sobre ela a atenção dos investigadores, apontando algumas coincidências, que nos parecem muito notáveis.

\*

Conforme a tradição corrente, os Milésios emigraram da Espanha e determinadamente de um a região de Espanha, chamada Brigância. Esta denominação geográfica parecerá a muitos uma mera fantasia, como muitas outras de que estão cheios os anais irlandeses; mas basta lançar os olhos a um mapa-múndi do século X, por exemplo, para ver que neste ponto os analistas não improvisaram nada. Ali, a parte setentrional da Espanha aparece-nos com o nome de Brigância. Os croniqueiros irlandeses podem pois ser acusados dum anacronismo, idêntico ao dos documentos câmbricos, que fazem proceder da Vascónia os seus Lloegrwys, porque nem o nome de Vascónia nem o de Brigância existiam na época a que ambas as tradições se reportam; certo é porem que eles estavam muito bem orientados acerca da parte da Espanha, donde fora efectuada a emigração dos Milésios.

Aqui está agora a primeira coincidência. O périplo fenício, de que Avieno se serviu para a composição da sua *Ora marítima*, e que Karl Müllenhoff remonta ao século VI a. C., fala-nos duma emigração em massa feita do norte da Espanha para o sul da Inglaterra. A estes emigrantes chama o périplo  $\text{Æstrymnicos}$ , nome derivado de  $\text{Æstrymnis}$ , a região da Espanha que eles haviam abandonado, e que o nosso informador já só conhece por tradição, visto declarar que tal nome era obsoleto no seu tempo. Ora a  $\text{Æstrymnis}$  do périplo coincide exactamente com a Brigância dos anais.

A parte da Inglaterra, ocupada pelos  $\text{Æstrymnicos}$ , foi principalmente o sudoeste, onde ficavam as famosas ilhas do estanho, e tão activa parte tomaram eles na sua exploração, que era aos seus portos que vinham comerciar os negociantes do sudoeste da Espanha, os Cartagineses e antes destes certamente os Tírios.

É bem possível, íamos dizer certo, que seja aos  $\text{Æstrymnicos}$  do documento fenício que se refiram as tradições dos câmbrios, quando nos falamos duns Lloegrwys que de Gwasgwyn (Gasconha) emigraram para a sua ilha. Mas este povo, cuja audácia marítima o périplo acentua a par da sua actividade comercial, estendeu-se até à

Irlanda? Sobre este ponto nada nos diz de positivo o autor fenício, suposto indique a navegação entre aquela ilha e o país dos  $\text{\textcircled{E}}$ strymnicos como uma coisa vulgar; dá-nos porém uma notícia que merece particular atenção.

No seu tempo a Irlanda era conhecida por “Hiernorum insula” mas os antigos, *prisci*, acrescenta ele, chamavas-lhe Ilha Santa, *Sacra insula*. Estes antigos são, a nosso ver, os Tírios, de quem os Cartagineses (o périplo é dum cartaginês), herdaram, além de tudo, as tradições geográficas.

E, como no tempo do nosso informador, a Irlanda se chamava Ilha dos Hiernos, é manifesto que a denominação de “Sacra insula” era tão tradicional como a da  $\text{\textcircled{E}}$ strymnis hispânica. A mudança de nomes geográficos não podia ser obra dos comerciantes fenícios; porque implicava uma confusão nos seus roteiros. É provável portanto que da mesma sorte que o nome de  $\text{\textcircled{E}}$ strymnis desapareceu da Espanha, em virtude dum facto etnográfico, ó mesmo sucedesse na Irlanda com relação ao nome de “Sacra insula” com a diferença de que, se acolá cessou pela ausência dum povo que lhe dera origem; aqui cessasse com a chegada dum novo povo, os Hiernos, que deu causa a um novo nome, caindo então na obscuridade e no esquecimento, de par com o antigo nome, a população que não soube defender a sua independência contra os invasores.

Isto posto, aqui vem duas outras coincidências. Primeira como já vimos o predomínio dos Milésios, conforme os anais, foi tal e tão ininterrupto desde o seu estabelecimento na Irlanda, que atravessou incólume a época romana e grande parte da Idade Média. A idênticas conclusões nos leva à história com relação aos Hiernos do périplo.

Nenhuma dúvida há que o nome de Hiernos e Hibernus é um e o mesmo, e ninguém ignora que o étnico geral, com que ainda os geógrafos da época romana designavam os habitantes da Irlanda, era o de Hibernus, tornando-se por isso mais que provável que nenhuma revolução etnográfica radical se efectuasse na Irlanda desde o estabelecimento dos Hiernos do périplo até o fim do Império Romano — e isso nos basta.

A segunda coincidência é esta: os povos anteriores aos Milésios, dizem os analistas, eram os Tuata De Danann, um ramo de Nemédios; -e; segundo os competentes, o primeiro apelido há-de interpretar-se como — *O Povo dos deuses de Dana*, o segundo como — santos. Ora há-de confessar-se que uma ilha habitada, antes da conquista milésia, por um povo de santos ou por um povo de deuses, está numa singular concordância com a Ilha Santa — *Sacra Insula*, cuja denominação desaparece com a chegada dos Hiernos, para tirar deles um novo nome.

Talvez se estranhe que tomemos a sério o carácter histórico dos Santos (Nemédios), e do Povo dos Deuses (Tuata De); mas a autenticidade incontestável da notícia do périplo não nos consente rejeitá-lo absolutamente; o que ela faz é encaminhar-nos para uma interpretação muito singela. Não admira nada que a Irlanda, uma ilha do extremo ocidente, fosse chamada santa por ser considerada como a morada de certos deuses. Diferentes legendas antigas, entre elas as que nos transmitiu Plutarco acerca de uma ilha a poente da Inglaterra, onde estava encarcerado Saturno com os seus velhos cortesãos, são a este respeito muito expressivas. Nós cremos por isso piamente que a antiga denominação da Irlanda, a Ilha Santa, implica todas aquelas tradições, ou idênticas; a ilha era chamada Santa, porque os que assim a apelidavam consideravam-na como habitada por certos deuses. Neste pressuposto os seus habitantes não se denominavam Santos, Nemédios, ou Povo dos Deuses, Tuata De, por acreditarem na sua santidade ou na sua divindade, mas por ocuparem uma ilha santa, e por viverem numa terra onde os deuses moravam também.

Abstraindo pois da genuinidade dos nomes de Nemédios e de Tuata De Danann, que podem muito bem ser traduções relativamente modernas de nomes arcaicos, não há razão séria para negar aos predecessores dos Hiernos, os habitantes da *Sacra insula* qualquer étnico que incluísse aqueles significados.

Em resumo: pelo exame do périplo fenício do século VI, prova-se que tempos antes da redacção deste documento e posteriormente ao século XII a. C., se efectuou uma grande emigração do noroeste da



Espanha para o sul da Inglaterra, e que cerca da mesma época a Irlanda passou por uma revolução etnográfica, denunciada pela alteração do seu nome.

Torna-se pois muito provável que os novos ocupantes da ilha, chamados pelo périplo Hiernos, fossem uma colónia dos emigrantes hispânicos, que se destacou para a Irlanda.

O predomínio desta gente ficou inalterável até depois da época romana pelo menos, visto que o nome de Hiernos ou Hibernos se encontra ainda nos últimos escritores do Império. Estes factos são tão concordantes com os anais irlandeses, mostrando-nos os Milésios emigrados do noroeste da Espanha em tempos antiquíssimos e mantendo inalteravelmente o seu predomínio na Irlanda até muito depois da época romana, que só por milagre se podia dar a casualidade destas coincidências.

E, bem que o périplo nos não diga o nome dos predecessores dos Hiernos, denominação de Ilha Santa, que decerto lhes pertencia e que mal pode interpretar-se senão pela crença de morarem nela certos deuses, combina-se tão naturalmente com o que nos contam os anais dos seus Nemédios e dos seus Tuata De Danann, que ainda neste campo as coincidências continuam.

Confessaremos francamente que nós inclinamos muito a crer na identidade dos Æstryrnnicos do périplo e dos Milésios da tradição irlandesa.

As consequências a tirar deste facto são inumeráveis e importantíssimas, e não resistimos à tentação de apontar uma delas: — é que, demonstrado o facto, a celticidade dos Irlandeses fica cortada pela raiz; pois que nenhuma dúvida há que os Celtas ainda estavam muito longe da Espanha, quando daqui partiram os Milésios.

3-11-88.